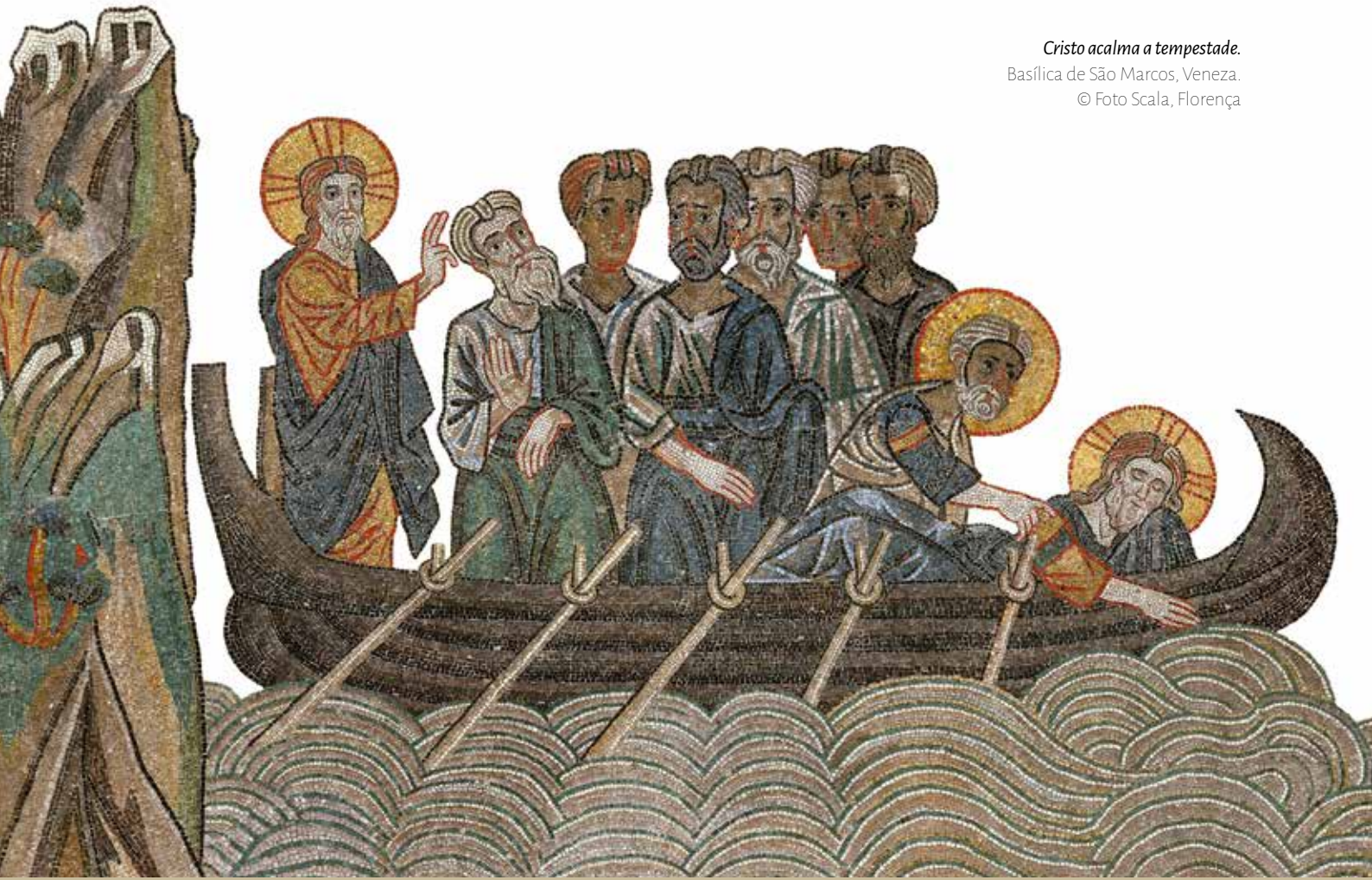


Cristo acalma a tempestade.
Basílica de São Marcos, Veneza.
© Foto Scala, Florença



«Nenhum dom de graça vos falta»

(São Paulo)

**Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários
de Comunhão e Libertação**

Por vídeo conferência, 25 de setembro de 2021

«Nenhum dom de graça vos falta»

(São Paulo)

Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação

Por vídeo conferência, 25 de setembro de 2021

Julián Carrón

Ninguém poderia ter imaginado que seríamos chamados a dar testemunho da graça do carisma no meio da tempestade. E, como os discípulos na barca, também nós ficamos surpreendidos com o facto de que, quanto mais forte é a tempestade, e apesar de todos os nossos limites, mais vem ao de cima a incomparável exceção de Cristo, a afeição a Ele que o acontecimento do carisma dado a *don* Giussani nos inoculou no sangue.

Conscientes da diferença de potencial entre o nosso nada e a Sua graça, peçamos ao Espírito Santo para alargar a abertura do nosso coração, para que a luz da Sua presença não encontre obstáculos em nós.

Vinde Espírito Santo

Sejam todos bem-vindos, os presentes e os que estão em ligação. A experiência destes dois anos ensinou-nos que nada pode impedir que, também nesta modalidade, possa acontecer aquilo que o nosso coração espera. Não é essencialmente o instrumento, o meio que utilizamos, que faz a diferença. Presencialmente ou por vídeo conferência, cada um pôde surpreender a estrutura da sua reação enquanto ouvia as palavras da primeira canção. Quem é que sentiu como sua a «saudade de alguém ausente»?¹ Cada um, no lugar onde se encontra agora, conseguiu sentir vibrar – ou não vibrar – toda a saudade de que é feito o coração do homem. Mas, gostaria de dizer, paradoxalmente, quase que não importa se não a tivermos sentido, porque às vezes nem isso está nas nossas mãos, tão pobres somos; o que importa é que consigamos sentir, pelo menos – isso sim – um instante de dor ao ver o quanto a pessoa que compôs esta canção terá sentido aquela saudade, muito mais do que nós, que encontramos Quem responde à espera do coração. Como eu gostaria que, também em mim, vibrassem todas as fibras do meu ser como devem ter vibrado as do autor da canção!

Não percamos tempo a recriminar-nos, no entanto, se não nos tivermos dado conta, porque podemos remediar isso imediatamente. Como? Talvez o tenhamos feito enquanto ouvíamos a segunda canção: pedindo Àquele que nos fez encontrar a graça do carisma que o faça voltar a acontecer. «Já sou velho [sou velho, o meu coração já não vibra como quando tudo era fresco, novo] [...] / mas se tu quiseres podes salvar-me.»²

¹ «Minha luz», fado português, letra e música de J. Mariano e A. Costa.

² C. Chieffo, «Ballata dell'uomo vecchio», em *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, p. 253.

1. A graça do carisma

Naquilo que ouvimos e vimos até aqui, nestes acordes iniciais, reflete-se toda a dramaticidade do momento histórico que vivemos, do desafio diante do qual nos encontramos juntamente com os nossos contemporâneos. Nós enfrentamos esta circunstância, este contexto histórico, com um grande recurso: a graça de que fomos revestidos e que, apesar de toda a nossa fragilidade, distração, traição, encontra ainda espaço em nós. Nada conseguiu arrancar totalmente do nosso coração aquela graça que nos conquistou e que nos arrastou até aqui.

Mas queria dizer, para introduzir o primeiro ponto deste percurso, que não há nada de menos óbvio do que esta nossa presença aqui hoje. Aliás, é o dado que mais se impõe à nossa atenção, que mais nos enche de espanto e de gratidão, convidando-nos a um posterior aprofundamento de consciência.

Tornou-me mais consciente disto a pergunta com que Charles Taylor começou a sua intervenção na exposição *Vivere senza paura nell'età dell'incertezza (Viver sem medo na idade da incerteza)* – desde que a ouvi nunca mais consegui livrar-me dela –: «Como é que eu evitei acabar como a maior parte dos moradores do Québec que, a partir de certa altura, ficaram muito zangados com a Igreja? Inesperadamente, nos anos sessenta, houve uma rebelião e muitas pessoas se afastaram. Por que razão é que eu não segui este movimento?». Esta pergunta não deixou de fervilhar dentro de mim durante todo o verão, tornando-se cada vez mais evidente para mim que permanecer na Igreja é a coisa menos óbvia que existe.

Como é que nós não acabámos como tantos dos nossos contemporâneos, que abandonaram a Igreja? No deserto que avança vertiginosamente, na hemorragia contínua de adesões a Cristo e à fé que caracteriza os nossos contextos europeus, ocidentais (e não só), o que é que tornou possível a nossa permanência na Igreja, o que é que justifica a nossa presença aqui hoje? Como é que não fomos também nós arrastados? Olhar de frente para a pergunta de Taylor suscitou em mim um ímpeto de gratidão sem fim. Quanto mais fazia contas, mais me invadia um sobressalto de gratidão tal que não me deixava conter a emoção e me fazia vir à cabeça a frase que São Paulo diz aos seus amigos da comunidade de Corinto: «Nenhum dom de Graça vos falta».³ Foi desta experiência que nasceu o título da Jornada de Início de Ano.

Porque nada é mais evidente para mim: se estamos aqui, se não pertencemos ao deserto, é devido à graça que recebemos, à graça do carisma dado pelo Espírito Santo a *don* Giussani para toda a Igreja, ou seja, devido ao modo através do qual Cristo escolheu atrair-nos a Si, estabelecer uma relação persuasiva connosco. A permanência, o facto de voltar a acontecer esta graça na nossa vida, encontra-se na raiz da presença de cada um de nós aqui hoje. Senão, onde estaríamos?

«Nenhum dom de Graça vos falta». Nos membros da comunidade de Corinto, São Paulo via em ação a graça de que tinham sido revestidos e que nem sequer todo o seu mal, todos os seus limites e todos os seus erros conseguiam obscurecer. No olhar de Paulo prevalecia a graça da Sua presença, que na aparência se tinha precisamente servido dele, do seu testemunho e dos seus ensinamentos, para chegar até eles.

Não pude evitar ligar este pensamento, que me assaltava cada vez mais, ao olhar de *don* Giussani: «À medida que amadurecemos, somos espetáculo para nós mesmos e, se Deus quiser, também para os outros. Espetáculo, quer dizer, de limite e de traição e, portanto, de humilhação e, ao mesmo tempo, de inesgotável segurança na força da graça que nos é dada e renovada cada manhã. Daqui vem aquela ousadia ingénua que nos caracteriza».⁴ Quanta traição vivemos, e portanto, quanta humilhação! Mas nada – nada! – consegue pôr em causa a segurança inesgotável na graça que nos é dada e renovada todas as manhãs. Foi este o pensamento dominante que me encheu de silêncio! O que é que nos torna tão gratos pela graça do carisma? Por que é que abriu uma brecha em nós de forma tão radi-

³ 1Cor 1,7.

⁴ L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 145.

cal? Porque respondeu à nossa sede de plenitude e de destino, fazendo-nos entender a fé como pertinente à vida, como capaz de a mudar e de a realizar. Só «isto, com efeito, demonstra a sua razoabilidade, e por isso torna inerente e possível a certeza, a carga de liberdade, torna atual uma amorosidade e uma generosidade, e o conjunto produz uma criatividade».⁵

Uma das frase de Giussani que ao longo destes anos mais citei coloca em evidência esta urgência, e se não encontrarmos resposta para ela a fé não pode resistir no mundo em que somos chamados a viver. «Devido em primeiro lugar à minha formação familiar e do seminário, e mais tarde à minha meditação, tinha-me convencido profundamente de que uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente, e confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé capaz de resistir num mundo em que tudo, *tudo*, dizia e diz o oposto.»⁶ Uma fé que não se possa encontrar na experiência, que não tenha a ver com a vida, que não a penetre a fundo, que não seja capaz de responder às suas exigências, que não potencie o humano, não consegue “agarrar-nos”, não consegue atrair o homem real – não só na época atual, mas em qualquer época: as coisas no passado só nos podem parecer diferentes devido ao peso cultural, social e político da Igreja –.

«Por isso, acima de tudo, moveu-nos», insiste Giussani, «o desejo de que a fé fosse pertinente à vida, para que fosse razoável, livre e criativa» e «caraterizou-nos a consciência de que a fé é o anónimo dum facto presente, dum acontecimento aqui e agora, que tem a sua fisionomia sensível, um sinal onde existe e que se chama “comunidade cristã”».⁷ Se o cristianismo não fosse um acontecimento de vida, se Cristo não estivesse presente agora num sinal humano, se não fosse palpável, não metaforicamente, mas realmente, no Seu corpo misterioso, na Santa Igreja de Deus, segundo uma revelação sua concreta e determinada, fixada pelo Espírito Santo, não poderia responder às exigências da vida, não poderia dar lugar a uma experiência de plenitude e nós estaríamos à mercê de tudo aquilo que nos rodeia.

Nós estamos aqui porque, através dum encontro – pontual, histórico, carnal –, fomos alcançados pela graça do carisma dado a *don* Giussani: nele tornou-se evidente para nós, de forma persuasiva e pedagogicamente mobilizadora, operativa, o mistério da realidade cristã, do acontecimento cristão, a sua congruência às aspirações estruturais da nossa humanidade. «Carisma é a modalidade com que o Espírito, a energia do Espírito, deixa entrever a evidência, ou seja, a verdade da fé e a sua capacidade de transformação.»⁸ Ora, um carisma suscita afinidade e «esta afinidade chama-se “comunhão”. A realidade desta comunhão que vive chama-se “movimento”». Por isso, observa ainda Giussani, «um movimento não é um pedaço da Igreja»; antes, «um movimento é a modalidade com que a Igreja é vivida, todo o facto cristão é vivido».⁹ Com efeito, o dom recebido tornou fecundo, para a vida da Igreja e do mundo, e sobretudo para cada um de nós, o conjunto dos dons que Deus previu para a nossa salvação: a Sagrada Escritura, o Batismo e os outros sacramentos, a Eucaristia, a autoridade dos Bispos e do Papa. Como sublinha Giussani, portanto, «todos os carismas regeneram a Igreja em todos os lugares, regeneram a instituição, obedecendo em última instância àquilo que é a garantia do próprio carisma: Graça, Sacramento, Magistério».¹⁰

Na recente Equipe do CLU (Comunhão e Libertação dos Universitários), depois de ter visto a exposição *Vivere senza paura nell'età dell'incertezza* (*Viver sem medo na idade da incerteza*), sobre a secularização, um universitário interveio dizendo: «Comoveu-me, quando saí para dar uma voltinha durante o silêncio, pensar que se não tivesse encontrado o Movimento não teria continuado a ser cristão, se não tivesse encontrado o carisma ter-me-ia desinteressado,

⁵ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milão 2010, p. 309.

⁶ L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 20.

⁷ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 310.

⁸ *Ibidem*, pp. 312-313.

⁹ *Ibidem*, p. 313.

¹⁰ L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 120.

provavelmente tinha-me afastado da Igreja, apesar da educação católica que recebi. Fiquei ligado às pessoas que encontrei no Movimento porque vivi com elas uma experiência de fascínio, diria uma experiência de plenitude, de satisfação que desejei que pudesse ser para sempre. E depois pensava: só assim é que a proposta cristã é uma proposta que respeita e exalta a minha razão, a minha afeição e, mais do que tudo – como se dizia na exposição – a minha liberdade. Esta é a única coisa que resiste (pensava nisto nestes últimos dias) diante dos desafios da vida, das complicações, dos problemas, é a única coisa capaz de me fazer voltar a levantar a cabeça quando caio, ou seja, o facto de me dar conta dum ponto de atração presente (como foi ouvir-te a ti ou aos professores ontem à tarde, ou o vídeo da exposição), e o resto (as regras, aquilo que é preciso saber ou fazer) passa para segundo plano. E quando me afasto disto, reparo que me canso, sufoco e a vida perde cor, logo, interessa-me pouquíssimo. Quando vivo isto, pelo contrário, a vida recomeça e torna-se entusiasmante».

Percebemos então por que é que *don* Giussani dizia aos universitários, em 1987: «Para nós, estarmos no Movimento de Comunhão e Libertação tornou-se necessário para viver a Igreja – salvo ordem contrária do Pai eterno! –. Tornou-se necessário porque é o modo com que fomos chamados a entender a fé como vida».¹¹

Através da graça do carisma, da atração que nos conquistou no encontro, apercebemo-nos da presença de Cristo como estando carregada de significado e de promessa para nós, como resposta às instâncias profundas e constitutivas do coração. Nunca tínhamos experimentado uma tal correspondência aos nossos desejos mais verdadeiros, um abraço tão definitivo à nossa humanidade necessitada, que ao mesmo tempo libertou as nossas necessidades das reduções a que inevitavelmente as sujeitamos, por obra nossa e do ambiente em que estamos mergulhados, revelando-as na sua fisionomia original. Na experiência de correspondência que caracterizou o encontro, vimos emergir o rosto autêntico do nosso coração, despertar-se o nosso desejo, aprofundar-se a afeição ao humano, agudizar-se a sensibilidade pelas nossas feridas e as dos outros. À medida que se foi aprofundando a ligação ao acontecimento que nos fascinou, introduziu-se, em relação à inquietação e às dificuldades dos nossos irmãos homens, o mesmo olhar, a mesma ternura que sentimos sobre nós próprios no encontro.

2. A surpresa de um olhar: a incidência histórica do carisma

Tivemos uma prova disto no Meeting de Rimini. Para quem conseguiu participar presencialmente e para aqueles que o acompanharam por vídeo conferência, foi uma magnífica janela para olhar para o nosso tempo. Permitiu-nos continuar a ver aquilo que já tinha surgido no desafio da pandemia: a difusão generalizada dum certo vazio existencial, a que chamámos niilismo, e as muitas situações pessoais e sociais de desconforto, de desorientação, de sofrimento.

Escreve-me um amigo: «No Meeting, sobretudo na exposição sobre as séries de televisão e naquela sobre a secularização, surgiu, de modo evidente, o grito da humanidade necessitada. Um grito expresso nas mais variadas formas». O mesmo grito foi percebido noutras exposições. Estou a pensar, por exemplo, na exposição intitulada *Io, Pier Paolo Pasolini*: «Manca sempre qualcosa, c'è un vuoto / in ogni mio intuire» (*Eu, Pier Paolo Pasolini*: «Falta sempre alguma coisa, há um vazio / em cada meu intuir»);¹² ou naquela das mulheres da Rose, intitulada *Tu sei un valore (Tu és um valor)*, com a pergunta repetida por todas: «Quem sou eu?». Penso no grito contido na canção de Lady Gaga: «Diz-me uma coisa rapariga: / és feliz neste mundo / ou precisas de mais? / Há mais alguma coisa de que estejas à procura?».¹³

Em suma, vimos fervilhar, virem à superfície, as perguntas humanas mais profundas e mais incómodas. Cada um pôde verificar, no impacto que sentiu, a atitude com que as viveu. No início dos anos noventa, Giussani dizia que

¹¹ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 389.

¹² P.P. Pasolini, «VI. L'alba meridionale», de *Poesia in forma di rosa (1961-1964)*, in Id., *Bestemmia. Tutte le poesie*, vol. II, Garzanti, Milão 1995, p. 801.

¹³ Lady Gaga e Bradley Cooper, «Shallow», do álbum *A Star Is Born*, 2018, © Interscope Records.

aquilo que «carateriza o homem de hoje [é] a dúvida sobre a existência, o medo de existir, a fragilidade da vida, a inconsistência de si mesmo, o terror da impossibilidade; o horror da desproporção entre a pessoa e o ideal».¹⁴

Muitos, entre nós, captam este grito humano com clareza. Escreve-me outra pessoa: «É um período particular do mundo, por aquilo que estou a ver. Parece-me que só encontro pessoas feridas». Mas estas feridas – digo-o já – são antes de mais as nossas, como cada um consegue reconhecer, se não se tiver transformado numa pedra. Por isso, quanto mais nos tornarmos conscientes das nossas feridas através da experiência que vivemos, mais somos capazes de sentir como próximas aquelas que encontramos nos outros. E, ao mesmo tempo, as feridas dos outros fazem-nos descobrir de forma mais consciente as nossas.

Nesta modalidade de olhar para as nossas feridas e para as dos outros, podemos surpreender o mesmo olhar de *don* Giussani: «O mundo de hoje voltou a uma situação de miséria evangélica; no tempo de Jesus o problema era como fazer para viver e não quem tinha razão».¹⁵

Tal como para nós foi – e é – decisivo o encontro com uma realidade viva que olhou integralmente para a nossa humanidade, acendendo em nós um pressentimento de verdade, uma força de atração e de esperança, vemos acontecer o mesmo nas pessoas que encontramos e que não escondem o grito da sua humanidade. A autora da carta citada, que começava dizendo: «Parece-me que só encontro pessoas feridas», acrescentava depois que estas pessoas – cito – «assim que sentem aquela ferida compreendida e amada, já não se largam mais». Aquilo que as prende é a surpresa de um olhar no qual percebem que as suas feridas são abraçadas.

É a mesma coisa que nos continua a acontecer a nós, como se percebe lendo a carta duma mulher a um dos curadores da exposição sobre as séries de televisão, depois de a ter visitado: «No final da exposição *Una domanda che brucia. Incontri e scoperte nel mondo delle serie Tv (Uma pergunta que queima. Encontros e descobertas no mundo das séries de televisão)*, estou grata por a ter visitado. Ouvi as narrações das personagens da ficção que fala dos jovens, e daquela ambientada no futuro e pensei na minha vida, nas minhas feridas, na minha grande fragilidade. Dei-me conta de que queria olhar para elas e que gostaria de começar a falar delas com alguém. Perguntei-me por que razão desejava isso, e respondi que é porque quero atravessá-las para chegar à luz que vi nesta exposição. Esta luz que vi é a coisa mais bonita, mais surpreendente da exposição. Onde está e o que é esta luz que eu vi? É uma luz que vejo ao fundo do túnel da escuridão, do sofrimento, da dor que vivem as personagens. São as frases dos curadores da exposição e da guia que nos introduziu a esta. São os curadores que nos esperam e ouvem as nossas perguntas e reflexões. No final da exposição, pergunto-me por que razão é que os curadores pensaram numa exposição assim, onde eu posso falar de mim. Não sei responder. Mas penso no período difícil que me introduziu na idade adulta. Durante os últimos anos da universidade, comecei a ir de forma regular a uma psicóloga, mas estava cada vez pior. Volto ainda a pensar na exposição e pergunto-me: qual é a diferença entre a experiência que acabei de viver e aquilo que vivo quando vou a um psicólogo? Surge depois em mim a pergunta que me é mais cara: “Por que é que estas pessoas querem estar comigo, com aquilo que eu sou verdadeiramente?”. Logo a seguir, invadem-me outras perguntas: “Por que é que vejo os olhos da guia e também dos curadores a olharem para os meus e me sinto viva, amada, apesar de saber que tenho tantas feridas? Por que é que depois da exposição tenho vontade de viver, de existir, de ser feliz e me dou conta de que as minhas feridas não me esmagam, quando conto alguma coisa de mim? Por que é que os curadores têm coragem de ouvir a minha vida, as minhas feridas, as minhas perguntas? Quem são? Como é que fazem para serem assim como são, capazes de me ouvirem, de me acolherem?”. Vejo a sua grandeza de alma. Desejo conhecê-los, segui-los. A grandeza de alma deles é a mesma que eu vejo no povo do Meeting, nos voluntários, em quem fez o Meeting, as exposições, os encontros, nos amigos que estão aqui. Olho para tudo isto e depois vêm-me à

¹⁴ «Corresponsabilità», *Litterae Communionis-CL*, n.11/1991, p. 33.

¹⁵ *Ivi*.

cabeça os meus pais, e os muitos pais que nos anos setenta estavam assoberbados com trabalho e não sei mais o quê. Volta-me à cabeça o desejo, a necessidade, de criança, de falar de mim a alguém que me visse e me quisesse bem, e a grande dor de não conseguir fazê-lo. Penso que os meus pais não foram capazes, então, de me ouvir, ou que eu não tenha sido capaz de fazer-me entender por eles, porque cometi erros. Acontece-me, porém, algo de novo no final da exposição, quando falo com o curador: nasce em mim o desejo de não condenar os meus pais, de não me deixar determinar pelos meus erros, mas de lhes perdoar e de me perdoar, porque o curador e este povo do Meeting que vejo, de certa forma, são-me mais familiares do que quem me é familiar. Sinto que ainda está a acontecer em mim aquilo que me aconteceu, graças a Deus, tantas vezes na minha vida, no encontro com Cristo presente através das suas testemunhas: sinto que já não estou sozinha no mundo».

O relato de factos deste género poderia multiplicar-se até ao infinito. Como o prova a surpresa da Ilaria (podem ler o seu testemunho na *Tracce*): no final duma aula *online*, um aluno seu pergunta-lhe se lhe pode perguntar uma coisa pessoal; e quando ela lhe pergunta por que razão se dirigiu precisamente a ela, ouve-o responder: «Porque não há muitas pessoas a quem se possa fazer uma pergunta destas».¹⁶ Ou a surpresa comovida da mãe de um rapaz com uma forma de autismo, que vê o desinteresse e o medo do filho serem abalados, vencidos, mês após mês, pelo olhar duma professora que participa na experiência do Movimento e que, com pequenas e contínuas sugestões, o envolveu na relação com os colegas, a ponto de ele não ver a hora de voltar para a escola. Ou é significativo aquilo que aconteceu a um professor com a “capa” dum dos rapazinhos que fazem o jornalinho – um jornalinho ultra progressista, aberto a todas as formas de liberdade –. Ele procurou-o, às escondidas, sem dizer nada aos outros, quase com vergonha, e disse-lhe: «Todos pensam da mesma maneira, mas eu preciso de alguém que, pelo contrário, introduza alguma coisa diferente». Ou, ainda, espanta-nos a insistência de um grupo de rapazes em convidar a sua professora para passar com eles um dia na montanha. Ela – conta – hesitou, tentou resistir, mas eles não largaram a presa, insistiram e insistiram, e assim ela acabou por ceder. Durante a viagem para ir ter com eles, interrogava-se: «Mas por que é que estes rapazes me querem, querem que eu vá?».

O que é que vemos vibrar nestes factos? A fé vivificada pelo carisma, na sua capacidade de incidência histórica em relação a quem se dá conta das suas feridas, da sua necessidade, das suas perguntas, e não deixa de procurar, implícita ou explicitamente, um olhar capaz de abraçar esta sua humanidade necessitada. Com efeito, é precisamente a percepção destas feridas que nos «coloca no caminho do encontro»¹⁷ e nos permite darmos conta do seu alcance. Em todas estas experiências, surge com clareza diante dos nossos olhos que a questão mais decisiva da vida é identificar *presenças significativas* – «pessoas que sejam presenças»,¹⁸ dizia Giussani –, ou seja, pessoas que, não se assustando com a sua humanidade, permitem também que os outros olhem para elas, sem terem de censurar nada. Eis um sentido renovado daquilo que significa sermos testemunhas da fé nas «periferias existenciais», como nos interpela muitas vezes o Papa.

Encontrar estas pessoas não nos tranquiliza, não abafa as perguntas. Pelo contrário. Como vimos, fazem-nas explodir ainda mais: «Quem são? Como é que conseguem ser assim como são, capazes de me ouvir, de me acolher?». A amiga da carta não larga e pergunta-se ainda: «Por que é que os curadores quiseram fazer uma exposição assim?». «Não sei responder», escreve, «porque a resposta são eles. Eu sei que, tendo visitado esta exposição, encontrei amigos, porque dou por mim a fazer um gesto de humanidade verdadeira, que os vejo fazer e que desejo para mim». É a origem da amizade. Amigo é quem torna possível um gesto de humanidade para connosco próprios. E é assim que

¹⁶ «Perché lo chiedi a me?», *Tracce*, n. 8/2021, p. 30.

¹⁷ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 362.

¹⁸ L. Giussani - G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão 2013, p. 116.

identificamos os amigos de que precisamos. É esta a forma como vemos acontecer novamente o olhar escancarado da Samaritana diante de Alguém que leva a sério a sua sede.

Neste sentido, tocaram-me muito as palavras do Papa Francisco que, dirigindo-se aos Bispos da Eslováquia, convidou a Igreja a não se afastar do mundo olhando a vida com indiferença, mas a mergulhar na vida real, interrogando-se sobre as necessidades profundas das pessoas.¹⁹

Aquilo que nos espanta é um olhar diferente: um olhar que ao mesmo tempo abraça e revela a textura profunda da nossa humanidade, a nossa verdadeira necessidade, a nossa sede. Esta amiga terá conhecido muitas pessoas, mas nem todas foram capazes de abraçar a sua humanidade necessitada.

Isto acontece no horizonte atual, nas circunstâncias dadas. Precisamente agora, precisamente aqui, em pleno clima de decomposição do humano, acontece a surpresa duma tal presença, de pessoas que são presenças. É tudo menos garantido. Descobrimos desta forma ainda mais a importância crucial da pergunta de Taylor.

Ainda em Bratislava, o Papa recomendava-nos que fossemos livres e criativos diante de pessoas que já não acreditam e perderam o sentido da fé. Como? Evitando «lamentar-se, entrincheirar-se num catolicismo defensivo, julgar e acusar o mundo de ser mau», procurando antes «abrir um buraco» – identificando a brecha que existe em todas as coisas, como diz Leonard Cohen –, encontrando, dizia ainda o Papa, «novos caminhos, modos e linguagens para anunciar o Evangelho».²⁰

3. O caminho da autoconsciência

Como é que se explica um lugar onde uma pessoa possa sentir-se abraçada de tal modo que pode olhar para as suas feridas e para «a escuridão sem fim», a ponto de desejar não condenar os seus pais, mas perdoar-lhes e perdoar-se, de não se deixar determinar pelos seus erros? Lemos isto acima: aquela amiga deu por si a renascer visitando uma exposição, mas é óbvio que esta exposição não cai do céu como um meteorito, não é como um raio num céu sereno. Todos os que a realizaram vivem mergulhados numa determinada experiência de fé, que está por detrás duma coisa deste género. O olhar que foi mostrado na exposição, a humanidade testemunhada pelos curadores e captada pela mulher que escreveu a carta não é o resultado duma estratégia ou duma criatividade artística, mas é o fruto do embate numa realidade da Igreja, vivificada por um carisma, que fascinou de tal maneira cada um dos que idealizaram a exposição que os impeliu a envolverem-se num caminho humano que gerou neles um «eu» novo. Foi este encontro que plasmou a diversidade do olhar deles e que lhes permitiu aproximarem-se dos visitantes para partilharem com eles o resultado daquele caminho humano.

Quanto mais tomarmos consciência da modalidade histórica com que Cristo nos alcança na Igreja, do valor da companhia que daí nasce, quanto mais, portanto, seguirmos com inteligência e afeição o acontecimento encontrado, seguindo a graça do carisma e deixando-nos gerar por ela, tanto mais cresce a consistência do nosso eu.

Vamos ouvir como é que um de vocês conta o caminho feito nestes anos. «Quando tinha 16-18 anos, pensava que era a pessoa mais desgraçada deste mundo, por causa de todos aqueles desejos e exigências que fervilhavam no meu

¹⁹ «É bela uma Igreja humilde que não se separa do mundo nem olha a vida com indiferença, mas *habita dentro* dela. Habitar dentro – não o esqueçamos – é partilhar, caminhar juntos, acolher os interrogativos e as expectativas do povo. Isto ajuda-nos a sair da autorreferencialidade. [...] Em vez disso, mergulhemos na vida real – a vida real – das pessoas e perguntemo-nos: Quais são as necessidades e os anseios espirituais do nosso povo?» (Francisco, *Discurso durante o encontro com os bispos, sacerdotes, religiosos/as, seminaristas e catequistas*, Bratislava, 13 de setembro de 2021).

²⁰ «Como pano de fundo temos uma rica tradição cristã, mas hoje, na vida de muitas pessoas, permanece a lembrança dum passado que já não lhes fala deixando de orientar as opções da sua existência. À vista da perda do sentido de Deus e da alegria da fé, não adianta lamentar-se, entrincheirar-se num catolicismo defensivo, julgar e acusar o mundo de ser mau. Não ajuda! O que ajuda é a criatividade do Evangelho. [...] À vista talvez duma geração que não acredita, que perdeu o sentido da fé, ou que reduziu a fé a um hábito ou a uma cultura mais ou menos aceitável, procuremos abrir um buraco... Sejamos criativos! Liberdade, criatividade... Como é belo quando sabemos encontrar novos caminhos, modos e linguagens para anunciar o Evangelho!» (Francisco, *Discurso durante o encontro com os bispos, bispos, sacerdotes, religiosos/as, seminaristas e catequistas*, Bratislava, 13 de setembro de 2021).

coração. O encontro com o Movimento fez-me respirar, porque pela primeira vez a minha inquietação era olhada com simpatia, como recurso e não como condenação. Fiquei ligado ao Movimento graças a uma correspondência única ao meu coração inquieto. Mas devo confessar que, depois de dez anos de vida intensa e bonita, ainda havia algumas coisas não resolvidas da minha humanidade e da minha história. Regressava a velha suspeita: sou mais estranho do que os outros. Por que é que conto tudo isto? Porque o carisma floresceu em mim quando decidi (obrigado pelas minhas circunstâncias) levar a sério toda a minha humanidade, com as coisas que não percebia, e ao mesmo tempo encontrei à minha frente alguém que me propôs o carisma como um caminho, como uma hipótese de trabalho – como isso é essencial! –, ou seja, que fez a provocação de não reduzir a proposta de *don* Giussani e de não esconder nada da minha humanidade, terreno no qual floresce o carisma. Desde aquele momento, o carisma tornou-se original em mim. Desde aquele momento, o carisma tornou-se em mim novidade para todos os filhos das mesmas objeções à fé que me assaltavam antes. E desde aquele momento, tornei-me educador. A educação dos jovens do CLU foi uma ocasião preciosa para viver a responsabilidade do carisma encontrado. Desde o início que percebi que tinha de viver diante deles; como dizia *don* Giussani: não insistir com eles, mas viver diante deles.²¹ Envolvi-me com a vida deles partindo da minha vida e da minha humanidade necessitada. Neste sentido, dou-me conta de como é decisivo viver a minha humanidade necessitada desde o começo da manhã, estar consciente da verdadeira natureza da minha necessidade. Então o carisma torna-se vivo em mim à medida que verifico a sua pertinência à minha necessidade. Ao mesmo tempo, fico surpreendido com a humanidade dos jovens, com as suas perguntas, nunca óbvias. Sou o primeiro a espantar-me com o espanto deles diante da correspondência do acontecimento de Cristo presente. Diante deles, não sou um especialista no carisma, ou um líder. Verifiquei na minha pele que sou eu o primeiro interessado em favorecer a verificação pessoal dos jovens, não dando respostas, mas desafiando-os a um percurso pessoal. Quantas coisas espantosas teria perdido se os tivesse poupado a algum drama, à passagem por uma descoberta pessoal! Assim, nestes anos, assisti com surpresa à geração do eu de alguns jovens, devido ao encontro entre a humanidade deles e o carisma de *don* Giussani. Um eu que faz novo o carisma e que, ao mesmo tempo, começou a gerar outras pessoas (estou a pensar nos jovens que eles encontraram no liceu como professores), que, por sua vez, agora estão a renovar o CLU. Posso assegurar-vos que nenhum consegue enganar estes jovens, precisamente porque o carisma passou a fazer parte da sua experiência.» Quando uma pessoa começa a dizer: «Eu» surpreende-se ao ver florescer outros «eu».

Qual é o resultado do caminho que começa com o encontro com a realidade do Movimento? O fruto é a intensidade da autoconsciência cristã, que depois se pode exprimir no olhar, se pode exprimir numa exposição, se pode exprimir no trabalho ou na experiência afetiva, porque «a força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência».²² Por isso, assim que alguém embate numa pessoa com esta clareza e intensidade de autoconsciência, não pode deixar de ficar abalado.

Como é que cada um de nós pode alcançar, tornar sua, esta autoconsciência, tal como deseja a amiga que visitou a exposição? Quem melhor do que o próprio *don* Giussani para responder a esta pergunta? Vamos ouvir o que ele dizia nos Exercícios Espirituais do CLU em 1976, aos estudantes universitários, ou seja, a pessoas que podiam estar ali pela primeira vez. Parece ter sido pensado para os dias de hoje, de tal forma é pertinente ao momento que estamos a atravessar. Proponho-vos isto porque, desde que o ouvi nos últimos meses, não consegui resistir a voltar a ouvi-lo: não desejava outra coisa a não ser que se tornasse meu. Penso que não vos poderia dar um presente mais bonito no início deste ano, durante o qual celebraremos o centenário do nascimento de *don* Giussani. Vamos ouvir alguns excertos daquela intervenção.

²¹ «Devi essere davanti a lui, non insistere su di lui» (L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 366).

²² L. Giussani, *Il senso di Dio e l'uomo moderno*, Bur, Milão 2010, p. 132.

Duma intervenção de Luigi Giussani nos Exercícios Espirituais dos universitários de Comunhão e Libertação (Riva del Garda, 5 de dezembro de 1976)

Transcrição da gravação reproduzida durante a Jornada de Início de Ano de 25 de setembro de 2021 e conservada no Arquivo da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

por Julián Carrón

Luigi Giussani

Este é o laço que nos prende à verdadeira essência das coisas! Que não está em jogo antes de tudo e diretamente um bom funcionamento da sociedade, uma possibilidade de convivência mais humana, uma colaboração para uma mudança justa das coisas, uma libertação das angústias do poder, das mentiras cobertas de violência. Não é isto. Porque se fosse diretamente isto, poderíamos inventar um partido. No entanto, o nosso Movimento tem imediata e diretamente um outro objetivo: pormo-nos em jogo a nós mesmos, a nossa pessoa...

Desculpem, não existe coisa mais humanamente perturbadora e verdadeira do que esta. Nada de mais óbvio, humanamente, mas [também] de mais perturbadora do que esta frase de Cristo: «Que aproveita», que aproveita se realizas tudo aquilo que te vem à cabeça, «se ganhas o mundo inteiro» – diz – «e depois perdes o significado de ti mesmo?». Perdes a tua alma. «Ou o que dará o homem em troca de si mesmo?».²³ A afirmação de uma ideologia? Uma posição dialética na sociedade, uma raiva libertada com murros ou com *molotov*, uma violência carnal, um acumular de horas e dias de comodismo, ou aquela curiosidade do saber que, quando é inteligente, não pode senão tornar-se raiva ou espasmo diante da desproporção cada vez mais evidente entre o meio e o objeto, entre a própria mente e o enigma da realidade? «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois se perde a si mesmo? Ou o que dará o homem em troca de si mesmo?»

Esta é a primeira palavra – dissemo-la há quatro anos pela primeira vez, fazendo-a tornar-se um dos termos usuais, desde então –: autoconsciência. O termo não é muito poético: é preciso. Consciência de si, sentimento da irreduzibilidade de si. «O que dará o homem em troca?»

O sentimento da irreduzibilidade de si! Porque não existe [outra coisa]... o que é que existe, o que é que existe de mais evidente, quando pronunciamos a palavra «eu» com um mínimo de ternura atenta? O que é que há de mais evidente do que, pronunciando este «eu», uma pessoa afirma, sente que afirma, percebe que afirma uma realidade irreduzível? Não existe mais nada que possa ser nomeado com aquela palavra em toda a história de ontem, de hoje e de amanhã, no eterno...

Olhem que a novidade da vida é proporcional ao amadurecimento desta consciência de si, deste sentimento de si, deste olhar e gosto de si. Por favor: mas compreendemos que o sujeito, quer dizer aquilo de onde saltam, jorram, aonde vão buscar consistência, onde ganham rosto todas as coisas, quer dizer, todas as relações, ou seja todas as ações, todos os movimentos, é este eu? Eu!

Há uma lei, uma lei que devem assinalar, uma lei desta autoconsciência, da vida desta autoconsciência, deste eu, desta pessoa que sou eu. E não há preço para este eu. Como dizia Pascal: «O que é esta pessoa? Um ponto invisível dentro na imensidão do espaço». Mas se o espaço todo, se o mundo inteiro caísse em cima de mim, deste ponto efêmero, dentro da aparente estabilidade do todo, se se precipitasse para cima de mim para me esmagar, «eu sou

²³ Cf. Mt 16,26-27.

maior do que ele, porque eu compreendo aquilo que está a acontecer».²⁴ Compreendo, há qualquer coisa em mim que foge ao domínio deste enorme cataclisma e o define, o agarra a partir de fora, o compreende». Não há nada que possa pagar esta minha pessoa...

Mas disse-vos que há uma lei. Formulo-a: reconhece-se e ama-se a própria identidade amando outro, reconhecendo e amando «outro», entre aspas. É reconhecendo e amando outro que começa, que jorra a capacidade de afeição...

Nós amamos, reconhecemos e amamos outro, um homem reconhece e ama uma mulher verdadeiramente, apenas como projeção de uma energia de reconhecimento e de amor por si mesmo. Porque, di-lo também o Evangelho: «Ama o teu próximo como a ti mesmo».²⁵ O critério original para amar outro é o amor que tenho por mim mesmo. Nós – quantas vezes o dissemos –, nós não amamos os outros porque não nos amamos a nós mesmos...

Não somos capazes de querer bem, de sermos amigos, se não reconhecermos que fomos amados ou somos amados pelo pai e pela mãe. Quem estuda psicologia sabe isso muito bem. É psicologicamente documentável. A percepção clara de ser querido, de ser desejado, de ter sido desejado e amado, de ser amado..., isto é fundamental para a sanidade psíquica. Toda a gente o sabe. Mas ninguém pensa na estrutura da lei que está aqui dentro...

Se tudo, mãe e pai, e mulher e homem não são descobertos com admiração e exaltação, numa contemplação que parte daqui, precisamente desta descoberta, [se] não são descobertos como sinal de uma estrutura original do nosso ser, d'Aquilo que nos faz ser – ser! –, porque neste momento aquilo que eu sou, não sou eu que me dou... Ser desejado, existir, quer dizer ser continuamente desejado – desejado –, por isso ser amado ou, na metáfora da Escola de Comunidade, ser chamado do nada a cada momento. É a consistência do meu eu que Tu me queiras, ó Deus..

Ama-se a própria identidade amando Outro... Pode não ser olhado por ninguém, mas quem se dá conta disto é um homem livre, equilibrado, talvez com um olhar doloroso sobre o real, mas a dor é a coisa mais sã, exatamente como a ressurreição, como a glória – diria a Bíblia –, porque a glória ou ressurreição, a vida, é através da cruz, da dor...

«Eu tenho» – dizia D'Annunzio – «aquilo que dei».²⁶ Nada mais ilusório e por isso da mais grosseira mentira do que isto. «A minha consistência é aquilo que eu dei»: esta é a definição... é uma definição que não se adequa ao homem, à criatura. «Eu tenho» apenas «aquilo que dei»: a exaltação, portanto, da consistência como reatividade, da consistência como violência, como reatividade e violência.

Eu tenho aquilo que me foi dado! É esta a frase certa. Eu tenho, eu sou, eu consisto em, eu tenho aquilo que me foi dado. O reconhecimento disto é a autoconsciência, de onde jorra a afeição a si, à própria vida, ao outro, à vida do outro; donde jorra o humano, a humanidade...

Quanto mais eu sou consciente, por isso, mais sou personalidade, mais eu ando por aí olhando para as coisas, falando com os homens, tendo cá dentro, em transparência, a consciência deste ser feito, desta presença que me constitui, deste Tu – com «T» maiúsculo – que me constitui, e a oração torna-se a dimensão normal da vida...

Este é o abismo que a idade escavou na minha alma – porém, era uma coisa que escavava desde o meu Liceu, porque eu sentia estas coisas desde o meu Liceu – ... Esta é a força da liberdade e esta é a força da criatividade, e esta é a força do amor, é a força da afeição! Percebem? É isto o humano, é esta a génese: a matriz, o útero [de] onde surge o humano.

Este profundo desconhecido, este Enigma com «E» maiúsculo, este Deus inefável, que não se pode dizer, este Tu sem olhos, nariz e boca, este Mistério vivo, que dá consistência ao meu eu, tornou-se um homem que dizia: «Pai»; que dizia: «Mãe»; que dizia: «Mulher, não chores»; que dizia: «Vós também vos quereis ir embora?»; que dizia: «Hipócritas!»; que dizia: «Vinde a mim todos vós que não percebeis, que estais confusos e cansados»; que dizia: «Pe-

²⁴ Cf. B. Pascal, *Pensieri*, n. 231, in Id., *Opere complete*, Bompiani, Milão 2020, p. 2393.

²⁵ Cf. Mt 22,34-40.

²⁶ Frase gravada na entrada do «Vittoriale degli Italiani», Gardone Riviera (BS), onde o poeta e romancista Gabriele D'Annunzio está sepultado.

ço-Te, Pai, dá a força de ser uma só coisa»; «Já não...» que dizia: «Já não vos chamo servos, mas amigos»; que dizia: «Um só é o vosso mestre: eu. Todos vós sois irmãos. Chamais-me “mestre” e fazeis bem, sou-o de facto»; que dizia: «Quem de vós estiver sem pecado que atire a primeira pedra»; que disse: «Se fiz alguma coisa, se disse alguma coisa de mal, explica-mo. E se disse bem, porque me persegues?»; que disse: «Pai, porque me abandonaste?» e que gritou: «Tudo está consumado», porque tinha primeiro dito a grande, “grande” palavra, a grande palavra do homem, isto é, de Abraão: «Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua».²⁷ A natureza do ser és Tu. A minha consistência não é a minha imaginação branqueada do homem, não é a forma breve da minha sede de vida, mas é a fonte verdadeira da minha vida, de mim, que és Tu, a minha glória que és Tu.

Esta autoconsciência, portanto, é a consciência da Sua presença. Consciência da Sua presença entre nós! Se a autoconsciência tem como conteúdo último, profundo, a percepção, a descoberta admirada, contemplativa, estupefacta de Outro que me constitui no mais profundo de mim, este Outro tornou-se alguém – alguém! – entre nós, tornou-se alguém a quem dizer: «Tu», mas com o rosto, com os olhos, o nariz e a boca! Alguém a quem se podia apertar a mão, sobre quem se podia pousar, em cujo ombro se podia pousar, reclinar a cabeça...

Se, portanto, o conteúdo último da autoconsciência é esta realidade que me faz – Deus –, [e] a medida do ser pessoal é a religiosidade, este fundo, este Tu com «T» maiúsculo, este Enigma com «E» maiúsculo, tornou-se um de nós. «Ninguém viu Deus, foi o Filho que o revelou.»²⁸ «Quem me vê a mim, vê o Pai.»²⁹ Um de nós! «Fazei tudo em memória de mim.»³⁰ Memória: reconhecimento desta Presença, a autoconsciência agora, a minha autoconsciência de homem chamado a este encontro, de homem cristão...

«Também nós não compreendemos nada daquilo que tu dizes, mas se nos formos embora, a quem iremos? Porque só tu tens palavras que dão a vida.»³¹ O que era a vida nova há dois mil anos (dissemos que a autoconsciência é, representa a novidade da vida, uma pessoa sente a vida nova quanto mais é consciente de si)? Estar com a Sua presença! Há dois mil anos, a vida nova era estar com a Sua presença. [Que] sentimento de liberdade, de consistência do próprio eu! «Este sim, fala com autoridade», que me dá consistência! Era estar com a Sua presença. Tanto é verdade que Escribas e Fariseus e toda a multidão que ia por curiosidade, ou por interesse, ou para ter milagres e se ia embora, não tinha esta vida nova exceto [senão] na brevidade do instante em que estavam ali, de olhos arregalados, a ouvi-Lo falar ou a vê-Lo fazer milagres.

Há dois mil anos a vida nova era estar com a Sua presença. Acontecia, estando na Sua presença, como que uma ebulição, um renovamento de si: nascia, nascia o eu! Nascia o eu com a sua consistência transparente, cristalina, com a sua força viva, com a sua sede e capacidade de querer bem, com a sua humanidade; em suma, nascia o humano dentro de si. *João 3*, Nicodemos, por Cristo: «É preciso nascer de novo... Em verdade te digo: é preciso nascer de novo». Se queres perceber a realidade, se queres entrar na realidade, é preciso nascer de novo. Nascia-se de novo assim.

Em suma, rapazes, a autoconsciência é a fé... A fé é reconhecer a Sua presença... É isto a fé. E é esta a autoconsciência, a consciência de mim. Quanto mais eu ressuscitar nas minhas horas, no meu dia, a consciência desta Presença, fazendo tudo..., quanto mais eu retomar a consciência da Tua presença, ó Cristo, tanto mais poderosa será a minha identidade, tanto mais profunda a ternura para comigo mesmo, a Tua misericórdia para comigo, e tanto mais poderosa será a criatividade de relação com o outro! Vão reler *Colossenses*, primeiro capítulo versículos 1 a 23, quando fala do «conhecimento de Deus».

²⁷ Cf. *Mt 26,42; Lc 22,42*.

²⁸ Cf. *Jo 1,18*.

²⁹ Cf. *Jo 12,45*.

³⁰ Cf. *Lc 22,19*.

³¹ Cf. *Jo 6,68*.

Meus amigos, o primeiro problema do nosso Movimento..., o primeiro problema não é organizar a comunidade, mas continuar o anúncio... Não é amizade entre mim e ti, se não te recorda isto, antes e mais do que qualquer outra coisa... Captamos, surpreendemos com precisão o instante e o fenómeno em que a autoconsciência entra em ação, ou seja, o sujeito humano entra em ação, a nossa personalidade se move. O primeiro, o primeiro instante, o primeiro tipo de fenómeno em sentido absoluto..., a iniciativa, «a» iniciativa, é o desejo da recordação. Quando nos levantamos de manhã, rapazes, quando nos levantamos de manhã, o que é que desejamos? Devemos ter dificuldade – é verdade – em ultrapassar toda a amálgama dos desejos que instintivamente se apresentam ao nosso cérebro, à nossa consciência, à nossa alma, temos de resistir a isso e penetrar nesta amálgama para irmos ao fundo de tudo, deste desejo da Sua recordação! Porque é isso a oração da manhã...

Se não chegar tudo a esta fronteira última, sobre a qual, frágil e nu como um miserável, o miserável ser que és tu, que sou eu, está à espera daquilo que o salva, o cumpre, daquilo que o realiza, daquilo que lhe sacia a fome e a sede, daquilo que o torna senhor de si e do mundo – porque foi para isto que nascemos, à imitação d'Aquele que é a nossa consistência –, se não chegar tudo a esta fronteira antes, tudo se torna inútil...

Por isso o que tem valor é viver em função desta Presença inexorável, histórica, deste eterno feito história, é viver em função desta Presença todos os instantes, de acordo com todo o seu conteúdo. Eu não vos estou a arrancar das vossas afeições, dos vossos interesses e dos vossos prazeres humanos; eu estou a reconduzir-vos, eu tento reconduzir-vos àquela raiz de tudo em que afetos, interesses e prazeres, florescem numa glória impensável e se tornam permanentes, se tornam verdadeiros...

O amadurecimento desta iniciativa, a capacidade desta iniciativa amadurece como história... Não detenhamos, não detenhamos esta iniciativa, nem sequer pela traição, e a traição mais ignóbil que é o esquecimento, e a distração a que estamos habituados, a desilusão de quando nos damos conta de não ter feito. A desilusão de quando nos damos conta de não ter feito é um laço que deve ser rompido. Não nos deixemos tomar por esta desilusão! Sabem por que é que não fizemos? Sabem por que é que errámos? Sabem por que é que estivemos distraídos? Sabem por que é que estivemos ignobilmente, esquecemos ignobilmente? Sabem por que é que traímos cem vezes, mil vezes ontem? Sabem por quê? Deus permitiu isto para que, hoje, tu uses esse desastre como instrumento para te lembrares d'Ele... Quantas vezes? Um milhão de vezes, um milhão de milhão de vezes. Sempre...

Este caminho aprende-se caminhando! A maturidade acontece fazendo. Mas como é que fazes para fazer, se não sabes o caminho? Por isso a norma, a regra fundamental desta história, deste caminho, é uma só: o seguimento, seguir. Seguir! Seguir quem já conhece este caminho, como quer que o faça. Porque o mestre indica-te, com segurança, com persuasividade, com demonstração.

O projeto da tua maturidade não pode vir de ti... O importante na vida é reconhecer o mestre! Porque não o escolhemos, ao mestre: reconhecêmo-lo! Escolher o mestre significa afastarmo-nos da violência dos nossos pensamentos e dos nossos arrazoados, como lerão na *Segunda Carta a Timóteo*, capítulo quarto, versículos 3 e 5.

Chama-se autoridade, de acordo, chama-se autoridade, mas, pelo amor de Deus, destruam o conceito blasfemo de autoridade tal como o usam! Porque é realmente um cadáver, mumificado. É um fóssil, o conceito de autoridade que vocês têm. É dum esquematismo que me deixa irritado, ou seja, furibundo, quando o encontro. Porque não é de facto o identificar-se com a pessoa, mas é o identificar-se com a pessoa enquanto valores, com os valores da pessoa. Porque aquela pessoa pode ser mais avarenta do que tu, pode ser mais possessiva do que tu, pode ter menos cabeça, mas se tu reconheceste um mestre, foi pelos valores que estavam no seu discurso! Pelos valores. Os valores o que são? Tudo aquilo que te faz perceber e te habilita a proporcionar ao destino o instante. O instante segundo o seu conteúdo, a relação com a namorada, ou com o teu pai e a tua mãe ou com o professor, com o político ou com a comunidade que te pesa porque não te lambe as botas.

Sou frágil, meus amigos – e acabei –, sou frágil, porque vivo só deste seguimento. Aquilo que eu sou é devido ao seguimento que vivo. Um seguimento que passa através dos sinais dos homens, de homens, aqueles sinais que são dos homens que Deus nos fez encontrar; mas, com o tempo que passa, mesmo seguindo sempre estes homens, com o tempo que passa torna-se cada vez mais evidente e diretamente Cristo o único mestre: «Um só é o vosso Mestre!»³² Sou frágil porque vivo deste seguimento, deste seguimento de homens, de uma comunidade ou de um Movimento guiado, nos quais vive o seguimento de Cristo. É o seguimento de Cristo a única razão de tudo. É o seguir Cristo a única coisa que devemos perseguir. Já não tenho uma consistência minha, já não tenho certezas construídas por mim, numa *hýbris*, numa exacerbação violenta de mim.

E então a vida caminha com uma luz e uma certeza e uma afeição que eu não crio com os meus pensamentos, que eu não crio com o esforço da minha vontade, mas que encontro em mim. Uma certeza e uma ternura, uma certeza e uma afeição que encontro em mim seguindo.

Carrón

Isto foi o que nos prendeu pelas entranhas, que nos salvou de nos irmos embora como tantos outros: um ímpeto de vida, uma forma de conceber, de viver e de propor o cristianismo que nos entusiasmou, graças à qual a fé se revelou na sua razoabilidade e persuasividade, caminho para a mudança de si. O carisma é a forma que Cristo escolheu para estabelecer uma relação significativa connosco, para nos atrair, para tornar existencialmente experimentável a nossa pertença a Ele na Igreja de Deus: não noutra mundo, mas neste mundo, tal como é, com todos os desafios e as tensões que o atravessam, «na idade da incerteza», navegando nas águas movimentadas do nosso tempo. «O carisma representa precisamente a modalidade de tempo, de espaço, de carácter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva e intelectual com a qual o Senhor Se torna acontecimento para mim e, da mesma forma, também para os outros.»³³

Através deste dom particular, habilitamo-nos efetivamente «à totalidade. O carisma existe em função da criação de um povo realizado, isto é, totalizante e católico».³⁴

Assim, para retomar mais uma vez a pergunta de Taylor, em vez de sermos arrastados pela força de uma corrente que ia em sentido contrário, demos por nós “presos”, atraídos, agarrados pela presença de Cristo, que veio ao nosso encontro através desta modalidade, desta aparência, desta «forma de ensinamento à qual fomos entregues»,³⁵ que é para nós o carisma dado a *don* Giussani, tal como para outros são outros carismas na Igreja. E floresceu em nós – em tantos adultos e, coisa ainda menos óbvia, em tantos jovens – «a consciência da Sua presença», a fé, e começámos a experimentar a novidade de vida que é «estar com a Sua presença», uma plenitude que nunca teríamos sonhado. Como é verdade que «a Igreja não cresce» no mundo «por proselitismo, mas “por atração”»,³⁶ como repete o Papa! Que graça! Com efeito, que Cristo nos tenha atraído e continue hoje a atrair-nos através do rosto, da tónica, da modalidade persuasiva do carisma não foi e não é uma iniciativa nossa, mas uma iniciativa do Espírito Santo: é graça. É graça o dom do carisma e é graça a sua permanência. Uma graça que interpela cada um de nós, que implica, solicita, exige a responsabilidade de cada um de nós.

Acabamos de ouvir as palavras de *don* Giussani: «O importante na vida é reconhecer o mestre! Porque não o escolhemos, ao mestre: reconhecêmo-lo!». Mas como reconhecê-lo? Como reconhecê-lo neste momento em que a Igreja nos chama a mudar a condução, segundo os critérios indicados pelo Decreto do Dicastério para os Leigos, a Família

³² Cf. Mt 23,10.

³³ L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 117.

³⁴ *Ibidem*, p. 118.

³⁵ J. Ratzinger, «Dall'intervento di presentazione del Catechismo della Chiesa Cattolica», in *L'Osservatore Romano*, 20 de janeiro de 1993, p. 5.

³⁶ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 14.

e a Vida, em todos os os movimentos e agregações laicais, seguida conseqüentemente pela necessária adaptação dos Estatutos?

Muitas vezes repetimos que «a autoridade é dada por aquilo que se vive, pela experiência que se vive».³⁷ Falando a um grupo de sacerdotes responsáveis por algumas comunidades de CL, em 1980 Giussani dizia: «Se eu desejar [certas] coisas, Deus faz-me aprendê-las com quem as vive, com quem já as vive». É sempre este o método: «A vida aprende-se a seguir quem vive: não porque seja melhor do que tu! Pode ser mil vezes pior do que tu! Mas como método, como maneira de viver, como comportamento... é um exemplo na maneira de viver, a aplicar. Segue-se um exemplo, não se segue um discurso».³⁸

O mestre, a autoridade, dizia numa outra ocasião Giussani, é «o lugar onde o nexó entre as exigências do coração e a resposta dada por Cristo é mais límpido, é mais simples, é mais pacífico»; «a autoridade é um ser, não uma fonte de discurso. Também o discurso faz parte da consistência do ser, mas apenas como reflexo. Em suma, a autoridade é uma pessoa que, quando a vemos, vemos que aquilo que Cristo diz corresponde ao coração. É por isto que o povo é guiado».³⁹ Qual é, então, a principal coisa necessária para reconhecer o mestre? A consciência da natureza da nossa verdadeira necessidade, uma consciência clara de si, como escrevi na recente carta à Fraternidade. «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se depois se perder a si mesmo?» Não há outro critério. Porque o mestre, a autoridade, é o lugar em que mais vejo resplandecer aquilo de que a minha humanidade precisa para viver: a graça do carisma, a atração que nos conquistou no encontro e que mudou pela raiz a nossa vida, tornando existencialmente experimentável para nós a presença de Cristo, a Sua capacidade de transformar cada fibra do nosso ser, de nos realizar.

Ouvimos antes: «A maturidade acontece fazendo. Mas como é que fazes para fazer, se não sabes o caminho? Por isso a norma, a regra fundamental desta história, deste caminho é uma só: o seguimento, seguir». Através do seguimento «dos homens que Deus nos fez encontrar», das pessoas que o Espírito do Senhor suscita diante de nós para tornar concreto e possível de percorrer, para nós, o caminho para Ele, ou seja, seguindo «um movimento guiado, em que se vive o seguimento de Cristo», nós seguimos Cristo: porque «é o seguimento de Cristo a única razão de tudo».

Só seguindo poderemos «propor ao homem nosso irmão um facto de vida». Com efeito, «o Senhor veio trazer uma vida, não uma organização».⁴⁰ Como dizia *don* Giussani, com uma frase que eu retomei várias vezes, «numa sociedade como esta, não se pode criar nada de novo senão com a vida: não há estruturas, nem organizações, nem iniciativas que resistam. Só uma vida diferente e nova é que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, em suma, tudo».⁴¹

É isto que queremos comunicar a todos ao celebrar o centenário do seu nascimento: a imponente de Cristo, vida da nossa vida, que nos alcançou e continua a atrair-nos, a arrastar-nos para Si, através da tónica única do carisma, que torna persuasivas todas as dimensões da vida da Igreja para o mundo de hoje.

Por isso, podemos dizer: nenhum dom de Graça nos falta para enfrentar a nova etapa do nosso caminho.

© Fraternità di Comunione e Liberazione

³⁷ L. Giussani, *Una presenza che cambia*, Bur, Milão 2004, p. 364.

³⁸ A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 587.

³⁹ «Da una conversazione di Luigi Giussani con un gruppo di *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991)» em «Chi è costui?», suplemento a *Tracce*, n. 9/2019, p. 10.

⁴⁰ L. Giussani, *Il rischio educativo. Come creazione di personalità e di storia*, SEI, Turim 1995, pp. 61, 65.

⁴¹ «Movimento, “regola” di libertà», por O. Grassi, *Litterae communionis-CL*, n. 11/1978, p. 44.